

BONITEZA DE UM SONHO

Aprender-e-ensinar com sentido

Moacir Gadotti

Diretor do Instituto Paulo Freire

Paulo Freire, em 1980, logo após voltar de 16 anos de exílio, reuniu-se com um grande número de professores em Belo Horizonte. Falou-lhes de esperança, de “sonho possível”, temendo por aqueles e aquelas que “pararem com a sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e de anunciar”, aqueles e aquelas que, “em lugar de visitar de vez em quando o amanhã, o futuro, pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e com o agora, que em lugar desta viagem constante ao amanhã, se atrelem a um passado de exploração e de rotina” (Paulo Freire, in Carlos R. Brandão (org.), *O educador: vida e morte – escritos sobre uma espécie em perigo*. São Paulo, Brasiliense, 1982, p. 101).

Dezessete anos depois, em seu último livro, lançado duas semanas antes de falecer, em 1997, ele se mantinha fiel à mesma linha de pensamento, reafirmando o sonho e a utopia diante da “malvadez neoliberal”, diante do “cinismo de sua ideologia fatalista e a sua recusa inflexível ao sonho e à utopia” (Paulo Freire, *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra, 1997, p. 15). Denúncia de um lado, anúncio de outro: a sua “pedagogia da autonomia” frente à pedagogia neoliberal.

Hoje eu gostaria de retomar o que Paulo Freire disse e entender o seu significado como professor, mostrando a “boniteza” (*Idem* p. 160) desse sonho, como dizia ele. Se o sonho puder ser sonhado por muitos deixará de ser um sonho e se tornará realidade.

O economista e educador Ladislau Dowbor abre um pequeno e denso livro (Ladislau Dowbor, *Tecnologias do conhecimento: os desafios da educação*. Petrópolis, Vozes, 2001) com uma mensagem deixada por um prisioneiro de campo de concentração nazista na qual, depois de viver todos os horrores da Guerra – “crianças envenenadas por médicos diplomados; recém-nascidos mortos por enfermeiras treinadas; mulheres e bebês fuzilados e queimados por graduados de colégios e universidades” – pede aos professores que “ajudem seus alunos a tornarem-se humanos”, simplesmente humanos. E termina: “ler, escrever e aritmética só são importantes para fazer nossas crianças mais humanas”. Talvez esteja aí a chave para entender a **crise** que vivemos: perdemos o **sentido** do que fazemos, lutamos por salário e melhores condições de trabalho sem esclarecer a sociedade sobre a finalidade de nossa profissão, sem justificar porque estamos lutando por isso.

Em inúmeras conferências que tenho feito a professores, professoras, por este país e fora dele, além de constatar um grande **mal-estar entre os docentes**, misturado a decepções, irritação, impaciência, ceticismo, perplexidade, encontrei, paradoxalmente, também muita **esperança**. A esperança que ainda alimenta essa difícil profissão. Há uma ânsia por entender melhor porque está tão difícil educar hoje, fazer aprender, ensinar, uma ânsia para saber o que fazer quando todas as receitas governamentais já não conseguem responder.

Se, de um lado, a mudança nas condições objetivas das nossas escolas não depende apenas da nossa atuação como profissionais da educação, de outro lado, não creio que sem uma **mudança subjetiva** na própria concepção da nossa profissão essas mudanças não ocorrerão tão cedo. Enquanto não construirmos um **novo sentido** para a

nossa missão, sentido esse que está ligado à missão da escola na sociedade aprendente, esse vazio, essa perplexidade, essa crise, deverão continuar.

Ser professor hoje não é nem mais difícil nem mais fácil do que era há algumas décadas atrás. É diferente. Diante da velocidade com que a informação se desloca, envelhece e morre, diante de um mundo em constante mudança, seu papel vem mudando, senão na essencial tarefa de educar, pelo menos na tarefa de ensinar, de conduzir a aprendizagem e na sua própria formação que se tornou permanentemente necessária.

As novas tecnologias criaram **novos espaços do conhecimento**. Agora, além da escola, também a empresa, o espaço domiciliar e o espaço social, tornaram-se educativos. A cidade tornou-se educativa. Como pensar a escola na cidade que educa? Por outro lado, a sociedade civil (ONGs, associações, sindicatos, igrejas...) está se fortalecendo, não apenas como espaço de trabalho, mas também como espaço de difusão de conhecimentos e de formação continuada.

Na **formação continuada** necessita-se de maior integração entre os espaços sociais (domiciliar, escolar, empresarial...) visando a equipar o aluno para viver melhor na sociedade do conhecimento. Como previa Herbert McLuhan, na década de 60, o planeta tornou-se a nossa sala de aula e o nosso endereço. O ciberespaço rompeu com a idéia de tempo próprio para a aprendizagem. O espaço da aprendizagem é aqui - em qualquer lugar - e o tempo de aprender é hoje e sempre.

A sociedade do conhecimento é uma sociedade de múltiplas oportunidades de aprendizagem: parcerias entre o público e o privado (família, empresa, associações...), avaliações permanentes, debate público, autonomia da escola, generalização da inovação. As **conseqüências** para a escola, para o **professor** e para a educação em geral são enormes: ensinar a pensar; saber comunicar-se; saber pesquisar; ter raciocínio lógico; fazer sínteses e elaborações teóricas; saber organizar o seu próprio trabalho; ter disciplina para o trabalho; ser independente e autônomo; saber articular o conhecimento com a prática; ser aprendiz autônomo e a distância.

Nesse contexto, o professor é um mediador do conhecimento, diante do aluno que é o sujeito do sua própria formação. O aluno precisa construir conhecimento a partir do que faz. Para isso o professor também precisa ser curioso, aprender sempre, ser sensível, buscar sentido para o que faz e apontar novos sentidos para o que fazer dos seus alunos. Ele deixará de ser um *lecionador* para ser um *organizador* e um *gestor do conhecimento* e da aprendizagem.

Em resumo, poderíamos dizer que ele é um mediador do conhecimento, um aprendiz permanente, um construtor de sentidos, um cooperador, e, sobretudo, um **organizador da aprendizagem**. De nada adianta ensinar se os alunos não conseguem organizar o seu trabalho, serem sujeitos ativos da aprendizagem, auto-disciplinados, motivados. Nesse sentido, a presença de um professor é indispensável.

Enfim, o que é **ser professor hoje**? Ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo, conviver; é ter **consciência** e **sensibilidade**. Não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem educadores. Eles fazem fluir o saber (não o dado, a informação e o puro conhecimento), porque constroem **sentido para a vida** das pessoas e para a humanidade e buscam, juntos, um mundo mais justo, mas produtivo e mais saudável para todos. Por isso eles são imprescindíveis.